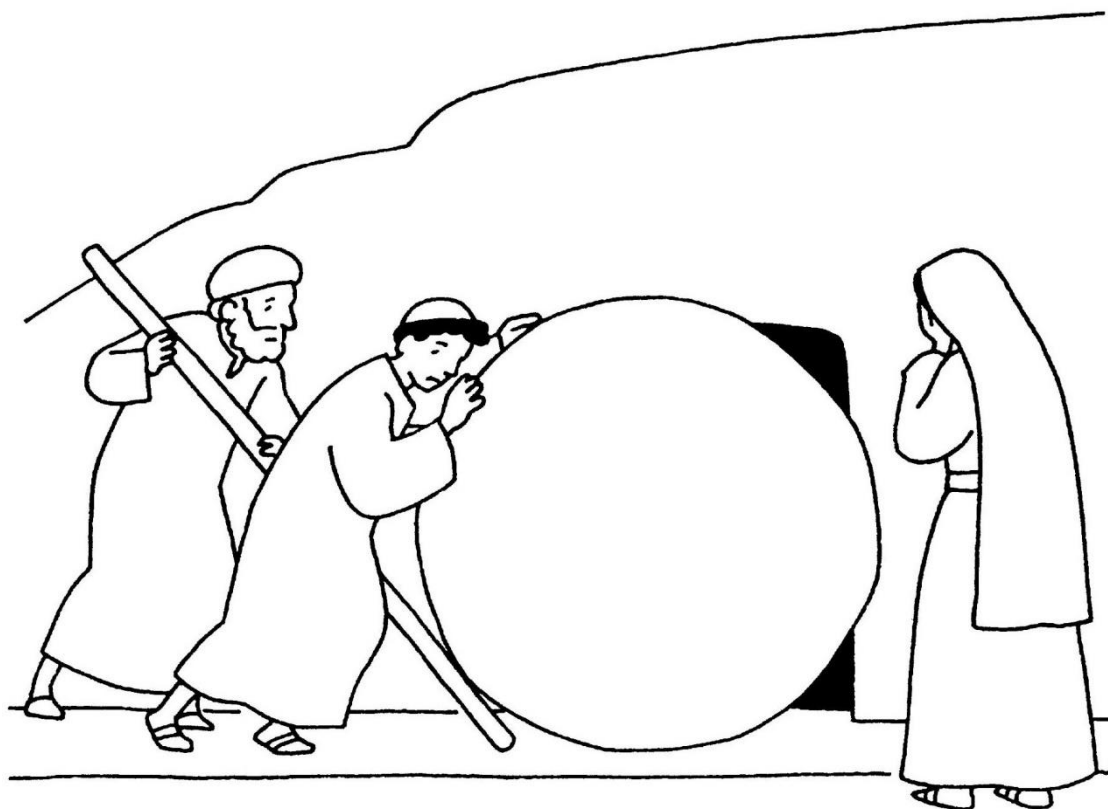


O Ministério da Palavra: entre o desejo e o jardim



“Sei que procurais Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui! Ressuscitou!”

Mt 28, 56-6

Fascículo I

O Ministério da Palavra: entre o desejo e o jardim¹

Secretariado Arquidiocesano de Liturgia

Introdução

1. Quando Madalena, chamada pela Tradição de “apóstola dos apóstolos”², buscava pelo seu Mestre amado no jardim onde havia sido sepultado, movida estava pelo desejo de reencontrar o seu corpo desaparecido do túmulo (cf. Jo 20,11-18). No jardim, a bela narrativa evoca o Éden, o jardim da criação donde foram expulsos o primeiro homem e a primeira mulher. Novamente, no jardim, encontram-se Jesus e Madalena, representando a humanidade redimida pelo mistério da Ressurreição do Senhor.

2. O secretário para a Congregação do Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, Artur Roche, lembrando São Gregório Magno, assinala “o contraste entre as duas mulheres presentes no jardim do paraíso e no jardim da ressurreição. A primeira difundiu a morte onde estava a vida; a segunda anunciou a Vida a partir de um sepulcro - lugar de morte.” (cf. *XL Hom. In Evangelia*, lib. II, Hom. 25).³ Mas o anseio da discípula a impedia de reconhecer no jardineiro o Mestre que tanto buscava, só que agora Ressuscitado⁴.

3. Uma coisa, contudo, causou em Madalena um “deslocamento” do seu desejo: a Palavra do Mestre. Chamando-a “Maria”, o Bom Pastor, que pelo nome conhece as suas ovelhas (cf. Jo 10,3), dá-se a reconhecer por sua discípula amada. Madalena ainda insiste em reter o Mestre, sem entender que a ressurreição estabeleceu um novo tipo de relação com Jesus. Novamente Jesus move sua discípula para algo maior: ser apóstola, anunciadora de sua vitória sobre a morte: “Vai dizer aos meus irmãos que subo para o meu Pai que é vosso Pai, meu Deus que é vosso Deus”.

4. Assim como Madalena, nossa Igreja vive desafiada pela própria necessidade: comunidades de irmãos e irmãs sedentas do encontro com o Ressuscitado, sobretudo no Dia do Senhor. Impossibilitadas de celebrar o memorial conforme a ordem de Jesus (cf. 1Cor 11,24-25), por falta de ministros ordenados, realizam a celebração da Palavra com toda piedade e dedicação. A Conferência de Aparecida recorda carinhosamente essa realidade:

Com profundo afeto pastoral, queremos dizer às milhares de comunidades com seus milhões de membros, que não têm a oportunidade de participar da Eucaristia dominical, que também elas podem e devem viver “segundo o domingo”.

¹ O presente texto propõe-se a principiar um processo de formação e de aprofundamento em torno da questão da Palavra de Deus na liturgia: suas celebrações, ministerialidade, ações pastorais e iniciativas que possam enriquecer e fortalecer nossas comunidades e paróquias. A intenção do Secretariado Arquidiocesano de Liturgia é oferecer outros subsídios para realizar esses objetivos.

² Cf. TOMÁS DE AQUINO, *Ioannem Evangelistam Expositio*, c. XX, L. III, 6. Citações encontradas em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/sanctae-m-magdalena-decretum_po.pdf, em 06 de setembro de 2018.

³ Extraído de: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/articolo-roche-maddalena_po.pdf, em 06 de setembro de 2018.

⁴ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do evangelho segundo João – IV*. Col. *Bíblica Loyola*, 16. São Paulo: Loyola, 1998, p. 156-157.

Pode alimentar seu já admirável espírito missionário participando da “celebração dominical da Palavra”, que faz presente o Mistério Pascal no amor que congrega (cf. 1Jo 3,14), na Palavra acolhida (cf. Jo 5,24-25) e na oração comunitária (cf. Mt 18,20).⁵

5. Mas o Senhor nos convoca, como irmãos e irmãs amados, a sermos anunciadores da Ressurreição, apóstolos e apóstolas de Jesus ressuscitado, saindo de nossas demandas pessoais e comunitárias para um projeto maior de anúncio da vida que vence a morte. Um jardim bonito nos espera em cada celebração onde o serviço à Palavra se converte em encontro vivo com o Senhor. Que não nos detenhamos nos horizontes fechados de nossa visão turva, nem nos esquemas ou situações passadas, mas reconhecamos o novo com suas possibilidades e saiamos ao encontro dos irmãos para anunciar como Madalena: “Eu vi o Senhor, e eis o que ele me disse” (Jo 20,18).

Buscando a superação dos limites

6. Em relação à questão do Ministério da Palavra, será necessário nos mover do nosso lugar. Assim como Madalena, que buscava o corpo do Mestre morto e, no segundo momento, buscava reter o Ressuscitado, também nós devemos reconhecer nossa visão turva da realidade e deixarmo-nos mover na direção da Palavra que nos ressuscita e nos amplia a visão. Hoje, a liturgia da Igreja se apresenta como nossa possibilidade de superação ao nos conceder retornar ao jardim da ressurreição pela escuta da Palavra, reconhecendo a voz do Divino Jardineiro e sendo por ele enviados a anunciar aos irmãos e irmãs que o amor vence a morte. Como fazer, então, o nosso deslocamento daquilo que identificamos como crise, falta e até do nosso desejo para a oportunidade e a novidade que nos poderá transformar? Propomos aqui três situações que podem traduzir nosso olhar ainda um pouco limitado da realidade e que poderiam funcionar como impedimentos para o encontro com todas as possibilidades e riquezas da fé que se dispõem para nós.

I. “O Ministério e a Celebração da Palavra – o problema não é meu!”

7. Imaginar que a questão do Ministério da Palavra e da Celebração da Palavra diz respeito somente aos outros – referindo-nos sobretudo às comunidades que não têm a possibilidade de celebrar a Eucaristia dominicalmente – é um impedimento para reconhecer a própria necessidade e oportunidade que a questão pode significar para todos nós, enquanto Igreja. A Celebração da Palavra e o Ministério da Palavra são realidades que tocam e afetam a todos nós. A Constituição litúrgica da Igreja recorda-nos que para promover a reforma da liturgia é necessário cultivar “aquele vivo e suave amor pela Sagrada Escritura” (SC 24). Lembra-nos que “o Ministério da Palavra deve ser exercido com muita fidelidade e no modo devido” (SC 35,2), e que as celebrações da Palavra devem ser promovidas também nas vigílias e festas, nos tempos especiais e nos domingos (cf. SC 35,4). Se neste último artigo diz “*especialmente* onde não houver sacerdote”, não

⁵ CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (13-31 de maio de 2007). São Paulo: Paulus; Paulinas; Edições CNBB, 2007, p. 253.

significa, contudo, que as comunidades que contam com eles não devam celebrar a Palavra. Desses princípios conciliares podemos deduzir que a questão é de todos.

8.

- a) Estamos cultivando aquele vivo e suave amor pela Palavra de Deus em nossas celebrações?
- b) O Ministério da Palavra é exercido com fidelidade e do modo devido em nossa paróquia ou comunidade pela homilia, pela devida escolha do repertório litúrgico, pela saborosa proclamação dos textos bíblicos? Que ministérios existem e quais ministérios a serviço da Palavra precisam existir?
- c) Em nossas paróquias ou comunidades, indiferente de contar com celebração dominical da Eucaristia, qual o lugar damos para a celebração da Palavra?
- d) Como podemos nos solidarizar com as paróquias e comunidades que não contam com a presidência de um ministro ordenado para as celebrações dominicais?
- e) Quanto aos ministros ordenados, considera-se a possibilidade de realizar com suas paróquias e comunidades, presidindo ou não, alguma modalidade de celebração da Palavra?

9. Recordemos que o Concílio e toda a teologia sacramental e litúrgica que dele decorrem, nos recorda que a presença e a atuação de Jesus Ressuscitado não se dá apenas pelas espécies consagradas. Cristo está realmente presente na comunidade reunida, nos ministros da Igreja, na proclamação dos textos da Sagrada Escritura, nos sacramentos e nas celebrações da Igreja (cf. SC 7).

II. “O anúncio da Palavra, no campo litúrgico celebrativo, está reservado aos ministros, sobretudo ordenados”.

10. Esta segunda forma de nos posicionar, seja dos ministros ordenados, seja dos cristãos leigos, em relação ao Ministério da Palavra, tem também consequências não muito positivas para a Igreja, que acaba por não ver florescer a experiência da fé como um jardim da ressurreição. Não há dúvidas de que os ministros ordenados devam ser os primeiros a cuidar desse importante âmbito da vida eclesial, litúrgica e celebrativa (cf. SC 14-18.24). São eles, de fato, os primeiros promotores da vida cristã e edificadores das comunidades que se reúnem em torno da Palavra de Deus. Os ministros ordenados são chamados a reconhecer e promover as qualidades dos fiéis para o apostolado (PO 9) e reconhecer que não estão sozinhos na missão. Os cristãos leigos também promovem a vida cristã em seus lares, na sociedade e, pela graça batismal e atuação do Espírito, em muitas comunidades, paróquias, grupos e pastorais:

Os pastores não foram instituídos por Cristo para assumirem sozinhos toda a missão da Igreja quanto à salvação do mundo, mas que o seu excelso múnus é apascentar os fiéis e reconhecer-lhes os serviços e os carismas, de tal maneira que

todos, a seu modo, cooperem unanimemente na tarefa comum.⁶

11. Também os cristãos leigos são chamados a reconhecer a sua configuração a Cristo e a própria dignidade de Povo régio, profético e sacerdotal, conferida pelo Espírito nos sacramentos da iniciação.⁷ O múnus régio do Povo de Deus o qualifica para o exercício do direito e da justiça, sobretudo em favor dos mais pobres e desvalidos.⁸ O múnus sacerdotal o qualifica para o culto divino, em sentido ritual e em sentido existencial, pois para a fé cristã não pode haver cisão entre os dois âmbitos.⁹ A qualificação profética o leva a testemunhar o evangelho e a difundir o reinado de Deus.¹⁰ Sua dignidade régia, sacerdotal e profética não está limitada por fronteiras que situam os ministros ordenados no âmbito do culto e os cristãos leigos no âmbito das coisas temporais. O Concílio nos propõe uma síntese vital entre os âmbitos cultural e existencial, por isso, as qualidades régia, profética e sacerdotal devem também ser exercidas no interior da Igreja, em comunhão e contribuindo para a edificação das comunidades e da vida cristã.¹¹

12.

- f) Como está em nossas comunidades a consciência da dignidade régia, sacerdotal e profética dos cristãos leigos? Precisamos fazer algo a respeito? O quê?
- g) Os cristãos leigos reconhecem suas qualificações para o apostolado, sobretudo para o ministério da Palavra? Os pastores, igualmente, reconhecem e promovem essas qualificações?
- h) Como promover em nossas comunidades e paróquias, bem como em nossa estrutura eclesial, uma nova consciência que reconheça e estimule os fiéis na missão de anunciar a Palavra?

III. “Formação para quê? Está tudo tão bom!”

13. A necessidade de formação é sempre sentida em nossas comunidades. Entretanto, paradoxalmente e de modo estranho, permanece um discurso que desestimula e até depõe contra a promoção de formação, entre cristãos leigos e ministros ordenados. Aqui se insinua a pastoral de manutenção... Como seres limitados e até fatigados pela missão, não raro cedemos à mesmice e à conservação das nossas estruturas e práticas. A

⁶ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium***, 30. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 122.

⁷ Cf. LG 32-36

⁸ Cf. TABORDA, Francisco. **Nas fontes da vida cristã: uma teologia do batismo-crisma**. Col. *Theologica*, 4. São Paulo: Loyola, 2001, p. 193-199.

⁹ Cf. AUGÉ, Matias. **L’Iniziazione Cristiana**. Battesimo e Confermazione. Col. *Nuova Biblioteca di Scienze Religiose*, 25. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 2010, p. 187-188.

¹⁰ *Idem*, p. 188-189.

¹¹ Cf. CARDITA, Ângelo M. S. **Reforma Lituúrgica para quê?** Revisitando a *Sacrosanctum Concilium*. Col *Theologica* s/nº. São Paulo: Loyola, 2018, p. 27-31

renovação de nossas comunidades requer de todos nós um esforço a mais, atitude de generosidade e de esperança, de paciência e de insistência. Os desafios são muitos e se multiplicam! Diante deles, não devemos desanimar, conforme nos ensina a Conferência de Aparecida:

Uma paróquia renovada multiplica as pessoas que realizam serviços e acrescenta os ministérios. Igualmente, nesse campo, se requer imaginação para encontrar resposta aos muitos e sempre mutáveis desafios que a realidade coloca, exigindo novos serviços e ministérios. A integração de todos eles na unidade de um único projeto evangelizador é essencial para assegurar uma comunhão missionária.¹²

14. No âmbito do Ministério da Palavra, decorridos mais de cinco décadas após o Concílio, ainda falta progredir na constituição, formação e reconhecimento de ministérios voltados para o serviço da Palavra: leitores e leitoras, salmistas, presidentes leigos da celebração, cantores e cantoras, equipes de liturgia. Ainda reinam práticas que depõem contra a nossa estima pela Palavra de Deus: recrutamento de fiéis para lerem improvisadamente nas celebrações, salmistas que improvisam melodias sem qualquer consideração com a Palavra e com a capacidade musical dos fiéis, presidência de celebrações da Palavra confiadas a ministros extraordinários da comunhão eucarística, músicos que elegem repertórios inadequados para a liturgia da Igreja... Essas práticas desqualificam a participação dos fiéis na liturgia e dificultam a experiência do encontro com Jesus ressuscitado no meio das nossas comunidades. Além disso, seria necessário oferecer formação para que se promovam celebrações da Palavra em outras modalidades como as Vigílias, os Ofícios Divinos ou Liturgia das Horas.¹³ Essas celebrações enriqueceriam enormemente a vida das nossas paróquias e comunidades.

15.

- i) Nossas paróquias e comunidades já constituíram os ministérios em torno do serviço da Palavra de Deus (leitores, salmistas, cantores, equipes de liturgia e ministérios da presidência leiga da celebração da Palavra)?
- j) Propomos formação permanente dos ministérios já constituídos?
- k) Qual o reconhecimento comunitário, paroquial e institucional que damos a esses ministérios?
- l) Como promover novas modalidades de celebrações da Palavra em nossas comunidades?

¹² DAp 202, p. 99.

¹³ Faz-se necessário distinguir a Celebração do Ofício Divino como uma celebração do mistério de Cristo a partir da consagração do trabalho humano e do tempo, no decurso das horas do dia. Mesmo não sendo, em sentido estrito, uma celebração da Palavra, pois o sinal que a distingue é o tempo – daí ser chamada de Liturgia das Horas – essa celebração é proposta como alternativa para as comunidades que não podem celebrar a eucaristia.

IV. Pensando sobre as questões acima...

16. O Ministério e a Celebração da Palavra nos colocam diante de questões eclesiais importantes. Sem assumi-las, incorreremos em soluções paliativas diante dessa realidade que nos desafia. É preciso assumir a dimensão profética da liturgia, isto é, deixar que a questão litúrgica em nossa Igreja nos ajude a questionar e a repensar nossa práxis eclesial, celebrativa, e nossas consciências. Contudo, é preciso agir. Diante do que refletimos, propomos um caminho a ser discernido por toda a nossa Igreja local, servindo-nos dos âmbitos que constituem a Arquidiocese: âmbitos paroquial, forâneo, regional e arquidiocesano.

17. Em âmbito comunitário e paroquial:

- Leitura do texto acima nas comunidades e paróquias, fazendo com que o estímulo chegue a toda a nossa Igreja local, na sua capilaridade e nas suas bases;
- Propor uma pesquisa da realidade ministerial laical de nossas comunidades e paróquias, a fim de mapear as necessidades, as riquezas e sugerir ações concretas a partir das necessidades;
- Incentivar as equipes de pastoral litúrgica como interlocutoras do processo de mapeamento e promoção da realidade ministerial das comunidades.

18. Em âmbito forâneo:

- Leitura do texto acima, fazendo com que o estímulo chegue ao clero e aos representantes leigos das pastorais e movimentos, estimulando-os a compartilhar experiências e pistas de ação, bem como desafios e conquistas;
- Discutir a possibilidade de eleger, ao menos uma vez por semana, nas igrejas paroquiais e comunidades, mesmo naquelas que tenham missas quotidianamente, qualquer uma das liturgias a seguir: celebrações dominicais na ausência de presbíteros, celebrações do Ofício Divino das Comunidades, celebrações de Vigílias, Leitura Orante da Bíblia.

19. Em âmbito regional e arquidiocesano:

- Coletas dos dados da pesquisa de nossa realidade ministerial em torno da Palavra de Deus pelo Secretariado Arquidiocesano de Liturgia (SAL). Análise e proposição de pistas de ação no Conselho Pastoral Arquidiocesano.
- O Secretariado Arquidiocesano de Liturgia seja um organismo propulsor de um processo entusiasmado de promoção das celebrações da Palavra e de incentivo dos ministérios a serviço da Palavra em nossa Arquidiocese.
- Formação de formadores para os ministérios da Palavra, com oferta de subsídios para que a formação seja desencadeada de forma descentralizada. Cuidar para que a formação seja administrada por pessoas competentes;

- Delegar ao Vicariato Episcopal para Ação Missionária – VEAM – a indicação de áreas emergenciais de atuação, com a colaboração dos diáconos permanentes e com a promoção dos ministérios leigos para essas realidades.

20. Ações a médio e a longo prazo:

- Promover assembleias de ministros leigos a serviço da Palavra; assembleia de leitores e leitoras, assembleias de salmistas, assembleias de ministros que presidem a Celebração da Palavra. As assembleias terão o intuito de promover formação e fortalecer o ministério leigo.
- Propor subsídios para a Celebração da Palavra que contemplem a ritualidade, aprofundem a prática homilética e apoiem os ministérios leigos.
- Promover formações para Celebrações da Palavra na variedade de suas modalidades: celebrações dominicais na ausência de presbíteros, celebrações do Ofício Divino das Comunidades, celebrações de Vigílias, Leitura Orante da Bíblia.
- Promover retiros que propiciem a experiência da Palavra, para suscitar novos candidatos leigos aos ministérios da Palavra.
- Criar a *Escola Arquidiocesana de Música Litúrgica*, em conformidade com as orientações do magistério, para assumir cada vez mais repertórios adequados para a liturgia.